Boletim Operário 315

Caxias do Sul, 12 de Dezembro de 2014.

A Vez dos Fracos

O dia 1º de maio de 1890 ficará na história e atravessará as idades com a fulguração imortal de um sol.

Ele assinala a data da afirmação grandiosa e solene do direito ao trabalho e dos direitos do trabalhador.

O que no dia 1º de maio se passou na Europa, é, nem mais nem menos do que isto: a vitória do socialismo.

Que ela se concretize em fato e se desentranhe nos seus efeitos daqui a cinco, a dez ou há cinquenta anos – nada importa.

O socialismo impôs-se com a evidência da luz solar, com o poder esmagador de uma clava de bronze, com a calma silenciosa dos fatos consumados.

Debalde hão de tentar esmaga-lo a coronhadas, a golpes de baioneta ou a cargas de fuzilaria: ele há de ressurgir dentre o lampejamento das armas e a fumarada do canhoneio, ainda mais alto, mais forte, banhado de sangue, sim, mas ainda mais banhado de luz.

O socialismo há de vencer, porque o mundo acaba de ver, entanguido de assombro, que eles não é, como se dizia e como se pensava – a política da ociosidade e do álcool, o partido dos que querem o máximo de salário a troco do mínimo de trabalho; porque o mundo acaba de ver todo o proletariado das cidades mais importantes da Europa – Londres, Paris, Viena e Berlim – erguer-se como um proletário só, forte, enorme, sereno, temeroso como um gigante de cem mil cabeças e duzentos mil braços – em cada cabeça a convicção inabalável de um ideal a cumprir, em cada braço uma picareta, uma enxada, um malho, um machado – todas as armas do Dever, da Paz, transformadas nas armas do Direito, em guerra.

O socialista há de vencer – venceu, podia eu ter dito – porque ele é a desforra a tantos séculos pedida, sonhada, aparelhada, do Trabalho contra o Capital, a desforra dos que alugam a sua fome e, para não morrerem a falta de pão, matam-se, dia a dia, trocando, com Shylock, libras de carne, e da carne das esposas, e da carne dos filhos; porque ele é o resultado fatal, fatal como as leis físicas, do desiquilíbrio econômico das sociedades modernas, da desvalorização do trabalho pelo excesso dos trabalhadores, da diminuição do salário na razão direta do aumento da fome.

A situação atual é esta de um lado: o industrial, o fabricante, o patrão arrancando do operário a maior quantidade possível de trabalho e pagando-lhe pela menor quantidade possível de dinheiro, e do outro lado o operário – faminto, farrapento, alucinado pela miséria da mulher, operária como ele, e dos filhos como eles destinados a alimentar o inexorável minotauro do Capital – dando ao patrão, ao fabricante, ao industrial todas as horas de labor que ele exige e aceitando avidamente os poucos vinténs que ele se digna de lhe pagar, porque, se resistir, será expulso da fábrica e cada dia em que não trabalhar será um passo para a morte, pelo frio e pela fome!

Qual o meio de terminar esse terrível conflito, de solver essa colisão medonha? A greve, a parede.

Mas as greves prejudicavam menos o proletário do que a fábrica; esta podia resistir por mais tempo sem trabalhadores, do que estes sem trabalho.

Era sempre o operário que cedia – ou a bala da soldadesca às ordens do Capital, ou a agonia dos filhos estarrecidos a mingua.

Não valia resistir pela violência. Era mister generalizar o movimento, solidificar a força pela união, corporificar o direito na resistência pacífica, mas inabalável, silenciosa mas ameaçadora, generosa mas implacável.

Era mister evitar as paredes dos proletários e fazer uma só – a parede do proletariado.

Aquelas as fábricas resistem; a esta o Capital sucumbe.

E essa greve formidável esta feita.

Desfilaram pelas ruas centrais da cidade, Oxford, Regent e Piccadilly streets imensos cortejos de operários na melhor compostura e serenidade. O aspecto da interminável falange é imponentíssimo.

Isso nos comunicou ontem um telegrama de Londres.

E o mesmo em Viena, em Berlim, em Paris, em todas as cidades manufatureiras da velha Europa.

O Capital sorria desdenhoso, entre dois arrotos esterlinos, da eficácia das paredes, porque para ele o proletariado é simplesmente um animal criado expressamente para engorda-lo, e que se tem sempre submisso e a mão enquanto houver aguardente nas tascas e espingardas nos quartéis.

Mas agora os paredistas não se embebedam nem assaltam as padarias e os armazéns. Pensam, combinam, unem-se, planejam, conspiram, resolvem e executam ao mesmo tempo e em toda a parte o seu plano estupendo de protesto e de aviso amigável.

Mas afinal, o que exigem eles? A fortuna dos patrões? Não, apenas um pouquinho da sua felicidade. O salário sem o trabalho? Não, apenas uma diminuição razoável do número de horas em que vive atrelado a máquina e sepulto na mina e um aumento de valor para os seus esforços.

O proletário só aspira a esta coisa tão simples, tão justa e que, entretanto, tem-lhe custado tantos séculos de sofrimento – desestabilizar-se; deixar de pertencer à engrenagem das oficinas, para integrar-se na comunhão social, entrar para a humanidade.

Mais nada.

E há de consegui-lo.

Que se acautelem os poderosos; soou a hora da Justiça.

Chegou à vez dos fracos.

2 de maio de 1890.

Valério Mendes.

O Paiz
Rio de Janeiro
4 de maio de 1890.